



Representação Parlamentar
Partido Popular Monárquico – Açores

Discurso

(Plano e Orçamento - 2011)

Senhor Presidente

Srs. Deputados

Srs. Presidente e Membros do Governo

Vivemos hoje tempos difíceis nos Açores e no resto do país. Nestes tempos, nestas circunstâncias, é tempo de fazer escolhas. É tempo de escolher prioridades. Reforçar aqui e não insistir acolá. Fazer isto e não fazer aquilo. Trata-se de fazer opções. Trata-se, em suma, de fazer política.

A política não é, como alguém disse, a arte do possível. Quem o disse era alemão e os alemães não têm imaginação. A política é muito mais que a racionalidade fria do possível. A política é a capacidade de tornar possíveis os sonhos e as utopias.

A política tem atalhos, maus caminhos, más companhias e todos os vícios da perdição dos homens: a ambição desmedida, a vaidade, o oportunismo e a exploração dos sonhos dos outros. Mas a política tem também caminhos, instrumentos e destinos. Estes caminhos podem ser – e muitas vezes são – caminhos de generosidade, de solidariedade e de superação. Os cidadãos têm, em democracia, o direito de optar e de escolher o caminho. Nem sempre se farão as escolhas correctas. Errar é um privilégio dos homens livres.

Os políticos também podem - mas não devem - errar. Quando um cidadão erra, o seu dever é corrigir o erro logo que chegue o tempo certo. Logo que chegue o tempo de voltar a escolher. Um político tem mais responsabilidades. Um político deve submeter-se ao sufrágio e ao julgamento político dos seus actos.

É precisamente isso que pretendo fazer neste discurso. Quero julgar



Representação Parlamentar
Partido Popular Monárquico – Açores

este plano e orçamento regional e os agentes políticos que o rubricaram. Não se julgam aqui pessoas, mas apenas as políticas que escolheram.

Meus senhores! Não podemos e não seremos contidos nas palavras. Isto está um autêntico Inferno! Pois bem, o julgamento terá algo de infernal. Assim, o exigem os factos. Assim, o exige este guião.

Para tornar possível este propósito, socorri-me, como muleta, esqueleto e inspiração, do mais famoso julgamento infernal do imaginário português: o Auto da Barca do Inferno, do Mestre Gil Vicente. Isto representa – eu sei bem - uma autêntica profanação. Mas deixem lá! O autor deste discurso reconhece que se socorre do génio do Mestre, precisamente porque sabe que não tem tal coisa.

Sem mais delongas, abre-se o pano e começa o acto. Aproxima-se da barca infernal, o Vice-Presidente do Governo Regional. Vem com o passinho miudinho e pesaroso, que resulta do peso do fardo que carrega às costas: desemprego, dívida regional incontrolada e um orçamento faz-de-conta que somos um oásis. O Diabo atira-lhe logo:

- Ó poderoso Dr. Sérgio Ávila, chegais mais tarde que o previsto, mas não saireis deste batel infernal mais cedo do que o que falta viver da eternidade.

Responde o Vice-Presidente: - Mas ... e o Paraíso, a terra prometida de 2012?

Responde o Diabo: - Deixe lá isso homem! Com as contas que o senhor deixou, estará aqui V. Ex.^a muito mais fresquinho que os infelizes que tiverem de enfrentar a quentura dos tempos que aí vêm.

Responde o Vice-Presidente – “Ó triste! Enquanto por lá estive, não cuidei do que havia. Tive que era fantasia; folgava ser adorado; confiei em meu estado e não vi que me perdia. Entremos, pois que assim é.”

Entretanto, aproxima-se da margem da perdição, o Secretário da Economia. O Diabo começa logo a olhá-lo de atravessado. É óbvio e evidente que reconhece, instintivamente, o rosto de um antigo concorrente



Representação Parlamentar
Partido Popular Monárquico – Açores

nestas coisas dos navios infernais, das promoções turísticas para destinos não infernais e das festas do pecado.

Sem contemplações, o Diabo grita-lhe logo: - “Ora entrai”. Entrai nesta barcaça que é muito mais rápida e cómoda que os defuntos “Anticiclone” e “Atlântida”. Não temos luxos, nem suites, mas este batel infernal não inclina e tem uma vasta clientela assegurada. Aqui, Sr. Secretário da Economia, as festas do pecado pagam-se muito caro e durante muito tempo. Mais precisamente, durante todo o tempo do tempo.

O Secretário da Economia, surpreendido com tanta hostilidade, pergunta: - Mas que fiz eu, Sr. Diabo? Os barcos não navegam. Voar nos nossos aviões é um Inferno e é um facto, cientificamente comprovado, que não lhe roubo - nem a si, nem de resto a ninguém - a clientela turística.

Responde o Diabo: - É de facto assim, mas as intenções pecaminosas também são pecado. Aliás, de intenções está este Inferno cheio. Além disso, antes desta fatalidade, o senhor preparava-se para queimar 21 milhões de Euros na promoção turística. Ora, aqui quem queima coisas sou eu e queimando os 21 milhões, queima o senhor a economia açoriana e os açorianos. Vai daí, pode chegar-me uma avalanche de clientes chamuscados que me darão muito trabalho adicional. Ora, eu gosto de trabalhar devagarinho, contemplando vagarosamente as planícies da eternidade, pois, como se sabe, tenho uma costela alentejana. **Portanto, meta-se já, e depressa, no batel infernal.**

Termina aqui, de forma abrupta e sem possibilidade de defesa possível para o Dr. Vasco Cordeiro, esta cena, por disposição regimental.

Ditas estas palavras - e mesmo a propósito - eis que chega a Sra. Secretária da Educação e Formação, acompanhada de uma aia baixinha, de olhos verdes e de cabelo encaracolado, cor de açafreão.

O Diabo, ainda maldisposto pela violenta discussão anterior com o seu ex-futuro concorrente naval, dispara logo: - Entrai, entrai, que as senhoras não se livram de ouvir das boas. Já cá as aguardo há muito e não sei por que



Representação Parlamentar
Partido Popular Monárquico – Açores

razões demoraram tanto tempo a chegar, estando Vossa Excelências há tanto tempo neste mundo e fora do outro. Até o Joane demorou menos tempo a encontrar o caminho para este cais infernal.

Responde a Secretária da Educação e Formação: - Não se percebe a má disposição madrugadora do Sr. Diabo em relação à minha pessoa. De que me acusais?

Retruca o Diabo: - Em primeiro lugar, já viu a senhora o estado educativo em que me estão a chegar as almas açorianas correspondentes a este seu mandato. Só os madeirenses conseguem ser piores!

Engana-se quem pensa que neste mundo de sofrimento nós não fazemos também exames do ensino secundário e testes PISA. Temos todo tempo da eternidade e precisamos de nos distrair. No entanto, os alunos chegam-nos em tão mau estado que começamos a ficar preocupados com a falta de tempo para os preparar para o exame final, por altura do Júízo Final.

Ainda bem que, por fim, aqui chega. Pode ser que assim recomece, finalmente, o trabalho educativo nessas terras açorianas. Mas a sua condenação está directamente relacionada com o que fez aos corvinos.

Aos corvinos! - Exclama a Dr.^a Lina Mendes.

- Sim, aos corvinos! - Reforça o Diabo.

- Com a sua mania de perseguir aquela pobre gente, os alunos corvinos do ensino secundário transformaram-se em mártires. Por isso, não tenho nesta barcaça infernal corvinos e tenho assim a colecção das ilhas incompleta. **Não lhe perdoo! Vá já para o porão da barcaça infernal e não assome até chegarmos ao destino final!**

Eis senão que chega, voando, a Secretária Ana Paula Marques. Vem com algumas marcas de martírio, certamente realizadas aqui no Inferno vizinho. Nestes casos de transferências infernais, o procedimento é simples. Este inferno é uma espécie de última instância, sem apelo. Por isso, o Diabo, sentado preguiçosamente na proa da barcaça desta danação, se limitou a dizer: - **Sente-se acolá, junto daquela bolsa rosa.** A Secretária sentou-se



Representação Parlamentar
Partido Popular Monárquico – Açores

de forma diligente e assim se fechou mais um julgamento.

Vindo de um longo périplo pelas nossas casas da América do Norte, chega a este ancoradouro o Dr. André Bradford. Diz-lhe o Diabo, de forma diligente:

- Vossa Mercê há muito que está condenado a remar nesta barcaça infernal. Olhe, tudo começou logo pelo pecado original do seu nome pouco português e cristão. Até parece que Vossa Senhoria é americano. Não só pelo nome, mas também pela excessiva simpatia que devota aos ianques.

Reage o Dr. André Bradford: - Então é assim? Sou logo condenado à partida, sem julgamento prévio?

Responde-lhe o Diabo: - Não zombe da integridade da justiça desta instância infernal. É verdade que já lhe tinha, há muito, lançado a rede, mas aguardava ansioso por um derradeiro gesto redentor de Vossa Mercê antes de o puxar definitivamente para esta barcaça infernal. E o que fez vossa senhoria neste orçamento? Mandou para o Inferno a política de juventude desta Região. Fica, por isso, informado que eu não aceito encomendas e atavios que não sejam acompanhados pelos seus legítimos donos. Sim, porque neste Inferno funciona o mercado livre e defende-se a propriedade privada. Isto não é a Coreia do Norte! As coisas são suas e o senhor acompanha a sua propriedade. **Sente-se, por isso, ali ao fundo, fica já mais aconchegado, que é para não estranhar, quando chegar ao destino.**

Entretanto, chega, em esbaforida corrida, o Sr. Secretário da Saúde à frente de uma numerosa falange de credores, de médicos e de doentes. A aflição é tanta que até pede um lugar na barcaça infernal. Vendo o perigo da situação, o Diabo decide intervir:

- **Pare imediatamente homem! Não entra Vossa Senhoria nesta humilde, mas honesta barcaça.** Está o senhor a passar um Inferno e quer vir para outro, pois não acredita que exista pior do que aquele que está padecendo. Pois pode, desde já, fazer marcha à ré. Não o quero aqui!



Representação Parlamentar
Partido Popular Monárquico - Açores

Qualquer Inferno que se preze não suporta obras de arejamento e o senhor tem o vício de fazer buracos e galerias orçamentais. Aliás, vem de pá e picareta na mão, o que é um muito mau indício.

Repito, não o quero aqui! De dívidas e devedores está o Inferno cheio. Não quero aqui mau ambiente e os conflitos que sempre geram estas situações de dívidas e de devedores. Olhe, vá ali pedir boleia ao Anjo que tem dois mil anos de dízimos acumulados. Esse é que tem dinheiro e bondade para o receber.

Aceitando a sugestão, o Secretário da Saúde faz uma última correria em direcção à barcaça do Anjo. Chamou, chamou e fartou-se de chamar. A debalde. Os anjos são como os polícias, raramente estão quando são precisos.

Passou-se, já não sei quanto tempo depois desta cena. O que é certo é que o Secretário não está nem no Inferno, nem no Paraíso. Acho que anda por aí, flutuando por cima do rio. Afogado em dívidas, mas consciente como um fantasma que ninguém quer substituir. Uma pena!

Bem, termino como o Mestre Gil. Referenciando o cavaleiro mártir. O mártir dos nossos dias é o orçamento deste Governo. Com ele, os pobres ficam mais pobres e os operadores turísticos mais ricos. E este mártir não é um cavaleiro é um tubarão que come o peixe miúdo. Mas essa história fica para uma próxima oportunidade. Quando aqui se fizer “um sermão aos peixes”.

Disse!

Corvo, 25 de Novembro 2010

O Deputado

Paulo Estêvão